

“MINHA VIDA DE MENINA”: REGISTROS ACERCA DAS RELAÇÕES DE CLASSE, RAÇA/ETNIA E GÊNERO NO INTERIOR DO BRASIL, NO FINAL DO SÉCULO XIX.

Anamaria G. B. de Freitas*
Maria Amália de Almeida Cunha**

Resumo: Este trabalho traz à luz as relações de classe, raça/etnia e gênero presentes no interior do Brasil, no final do século XIX, através do Diário de uma menina que vivia na província de Minas Gerais. A realidade brasileira é filtrada através do olhar astuto e perspicaz de uma adolescente que resolve - a pedido do pai - registrar seu cotidiano entre os anos de 1893-1895, período que recobre seus 13 a 15 anos de idade. Narrado com especial desenvoltura pela personagem Helena Morley - pseudônimo da autora, Alice Dayrell Caldeira Brant -, o Diário aborda temas como a *educação feminina*, as *relações de trabalho* presentes nos primeiros anos após a abolição da escravidão (1888), bem como outros aspectos da realidade social, recortados através do registro de uma menina que viveu tais relações e que convida o leitor a pensá-las no tempo presente.

Palavras-chave: Literatura e sociedade, Relações de classe, Gênero e raça/etnia, Representações sociais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo tem por objetivo analisar as relações de classe, raça/etnia, e gênero presentes no interior do Brasil, no final do século XIX, através do Diário, “Minha vida de Menina”, escrito por Helena Morley, no interior de Minas Gerais. A realidade brasileira é filtrada pelo olhar astuto e perspicaz de uma adolescente – que resolve, a pedido do pai, e reforçada por orientação de um professor da Escola Normal – registrar o seu cotidiano, entre os anos de 1893-1895.

A autora caracteriza as relações presentes nos primeiros anos após a abolição da escravidão, nas quais a centralização econômica e política, na região de Diamantina, onde vivia, estava circunscrita a algumas famílias proprietárias de terras e lavras de diamantes. O contato com ex-escravos, tratados muitas vezes por Helena Morley, como “alugados”, é freqüente, apesar de sua posição social bem demarcada, como menina branca, de família de origem inglesa e protestante pelo lado paterno, e de proprietária de lavras pelo lado materno, que de certa forma impõem normas de conduta e de distanciamento, estes são muitas vezes “burlados” pela adolescente em processo de afirmação.

No que tange à condição feminina, vigente na época, a autora esboça um retrato do processo de escolarização, a que estavam submetidas as mulheres de um extrato social mais elevado. Não obstante, a formação recebida na Escola Normal, o casamento e as atividades relacionadas à esfera doméstica indicam ainda um “destino de gênero”.

Assim, a partir da narrativa de Helena Morley, intenta-se analisar a educação feminina no final do século XIX, bem como a construção dos papéis sexuais e sociais a partir da ótica de uma garota da província, marcada pelo patriarcalismo e pela transição de um regime escravista para o trabalho livre.

Alguns trabalhos de crítica literária, e mesmo de história da leitura (1), utilizaram-se de “Minha vida de menina” como fonte e/ou objeto de estudo. Neste artigo, pretendemos contribuir com reflexões para analisar aspectos da educação/escolarização feminina, bem como a constituição dos papéis sociais, as relações de trabalho e raça/etnia. Ressalta-se que tal obra já recebeu mais de dezoito edições (2) e foi traduzida para o inglês por Elizabeth Bishop e para o francês por Marlyse Meyer.

* UFS- UNICAMP

** UNICAMP

O REGISTRO DA SOCIEDADE EM MOVIMENTO: AS RELAÇÕES DE TRABALHO E DE RAÇA NO BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XIX.

O livro *Minha vida de menina* é tido como um anedotário familiar do Brasil do final do século XIX (1893-1895). Literatura realista de uma obra que não é de ficção, expressa a dialética entre *literatura e sociedade*. Neste sentido, Helena Morley é um personagem que escreve um Diário e, sendo este ficção realista, dialoga com o real. Conforme SCHWARZ (1997), convém salientar que a escrita realista não é só artifício e efeito do real. É um trabalho de composição- para uso da contemplação crítica- que retrata o movimento da sociedade. Todavia, este movimento é dialético também no método, uma vez que ficção e composição do real se interpenetram.

De acordo com o autor, a matéria prima do livro advém da acuidade da menina que escreve o Diário e de sua observação perspicaz do cotidiano. A narrativa da menina é avessa ao casticismo da época, fazendo nota a prosa inteligente e anti-formal da garota: "A condução anti-convencional da prosa alimenta-se também do realismo da experiência infanto-juvenil e familiar, que sob o signo do esclarecimento- e do momento histórico- escapam à estreiteza que lhes é própria. A pertinência literária chega através de certa agregação de interesses: a escrita da menina faz com que o ponto de vista dos desvalidos, dos parentes pobres, dos ex-escravos, das mulheres, do trabalho, dos esfomeados, dos bichos, bem como da própria criança escape ao mutismo e se defronte com as regras da propriedade e da autoridade. São as energias misturadas da negação e da acomodação que somam e se canalizam com espontaneidade através da verve da escritora". (SCHWARZ,1997:132).

O livro faz um retrato da sociedade patriarcal. O trabalho aparece aqui como um "atenuador" das crueldades inscritas na organização social da época. Neste sentido, o trabalho acaba por diluir os papéis fixos da sociedade de classes emergente. Chama a atenção os papéis cambiantes entre negros e brancos que fazem parte do convívio social da autora: ali circulam "negros alugados", assim como sua própria família (menos abastada, se comparada aos outros tios) que necessitam da proteção da matriarca; em outros momentos, o irmão de Helena é quem dará aulas particulares para uma família de negros que se encontrava em ascensão social.

Para SCHWARZ (1997), Helena rejeita os limites impostos pelo sistema pós-escravista no que concerne à *classificação para o trabalho*. Desta sorte, percebe-se o uso de categorias que se "fluidificam" no decorrer do livro. É o que o autor chama de "inversão de perspectivas", método este usado pela autora e que confere graça e beleza ao livro:

"O trânsito deve-se à inteligência inquieta de Helena, e também à rotina de seu mundo, sempre pitoresca pela acomodação familiar e instável entre as esferas que em boa ordem não se misturariam. Como a menina, os irmãozinhos ora fazem trabalho de negro, ora são primos pobres, explorados para o serviço doméstico dos parentes abastados, ora são membros de uma família importante. A alternância dos papéis mais ou menos incompatíveis, situados em pontos distantes do espectro, é vivido na pele, de sorte que o sistema das diferenças sociais se transforma numa realidade interior de surpreendente objetividade e teor de ironia" (SCHWARZ,1997:70).

A escrita de Helena privilegia as contradições de classe de uma sociedade ainda em construção. Segundo o autor supracitado, sua escrita é marcada por um período de *interregno*¹: "A escravidão acabava de ser abolida e o trabalho livre não estava ainda enquadrado nas alienações da forma salarial. Ou por outra, ao mesmo tempo que a brutalidade escravista começava a ser desautorizada, os rebaixamentos específicos ao trabalho abstrato permaneciam remotos, criando um interregno, promissor ou desregrado conforme as circunstâncias" (SCHWARZ, 1997:71).

Neste sentido, pode-se inferir que o teor do Diário da menina assenta-se em forças antagônicas sobrepostas em seus relatos. Salienta-se aqui a abolição dos escravos (1888) e a decadência econômica da região, especificamente com o fim da exploração de diamantes.

Helena no limbo- O limbo aqui é extraído da metáfora utilizada por FISCHER (1998) para exemplificar o período de interregno vivenciado por Helena em todas as situações. É importante lembrar que o período da escrita era marcado pelo movimento de transição de um certo obscurantismo para as Luzes e Helena sabia tirar proveito desse "jogo": "(...) a disposição refletida e a energia de aproveitar a vida entra assim em conflito não só com o

¹ Além do já citado "Duas Meninas" (1997) de Roberto Schwarz, encontramos: "Do sótão à vitrine: memórias de mulheres" (1995), de Maria José Viana; "As experiências de liberdade de Helena Morley" (1998) de Britta Fischer; "Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitura" (1999) de Lillian Maria de Lacerda

desprendimento cristão, a precedência das famílias, as limitações provincianas, a resignação dos pobres etc., mas também com a nova civilização utilitária e burguesa. Já vimos que o brilho do livro se prende à composição inesperada desta frente de batalha, que algo tem a ver com a adolescência, e algo com a indefinição do momento histórico e de suas perspectivas" (SCHWARZ,1997:87).

Helena vive então na **fronteira** entre estes dois mundos: "Os ângulos imprevistos e as formulações agudas devem muito a essa intimidade com o campo oposto, plena de conhecimento de causa, alimentada também ela pelo desejo de não perder nada de bom e de não sacrificar inutilmente aos princípios" (SCHWARZ,1997:87).

Ordem fluída: "Helena busca entender, por exemplo, as condutas "incompreensíveis" dos negros, trazidas da África, ou formadas na senzala, ou aprendidas dos brancos. Vejamos o caso da cozinheira Magna, que tem o costume de surrar o marido Mainarte e acaba na cadeia por tentar esganá-lo. A explicação dela para as surras repete a lição de alguma dama proprietária: "Eu não capeio preguiçoso ..." (SCHWARZ,1997:112).

A riqueza do livro concentra-se justamente na superação destas "unilateralidades" e das tentações regressivas a que a situação de atraso induzia. "O próprio progressismo, cultivado em abstrato, seria uma delas, e talvez se possa dizer que o tino rebelde para o relativo das coisas, ou o anti-formalismo, seja a faculdade mestra do espírito da menina" (SCHWARZ,1997:125).

Alguns trechos selecionados de "*Minha vida de menina*" permitem perceber como as características abordadas estão presentes nos registros evidenciando o movimento das relações de trabalho e raça/etnia vivenciadas no período:

"Na chácara moram ainda muitos negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei de 13 de Maio. Vovó sustenta todos (...) As negras, as que não bebem, são muito boas, e para terem seus cobres fazem pastéis de angu, sonhos e carajés para as festas da Igreja e para a Porta do Teatro. Vovó compra delas muitas dessas coisas e nós comemos a noite inteira" [Quinta-feira, 4 de maio de 1893].

"Nunca gostei tanto na minha vida de uma coisa como aconteceu hoje a Emídio. Tio Joãozinho mandou-o levar uma carta ao Doutor Pedro Mata e ele voltou de cabeça quebrada. Foi mostrando a cabeça a Tio Joãozinho e dizendo: "Olha o que o Senhor me fez!". Tio Joãozinho perguntou: "Como foi isso?". Ele respondeu: "Foi o doido do Pedro Mata que me deu um pescoção e eu rolei pela escada abaixo". Tio Joãozinho disse: "Quem sabe você lhe falou como está me falando, chamando-o de 'Pedro Mata'?. Ele respondeu: "Como é que o senhor queria que eu falasse? Não sou livre e tão bom como ele?". Tio Joãozinho não pôde deixar de rir e disse: "Foi muito bem merecido este tapa. Gostei de ver. Com mais alguns você aprenderá a dobrar a língua para os brancos, negro sem-vergonha". Eu também gostei, porque ele é muito intrrometido" [Quinta-feira, 9 de novembro de 1893].

"Há poucos dias Renato veio dizer a mamãe que Salomão, um negro que mora em Bom Sucesso e tem oito filhos, o tinha contratado para dar escola aos meninos dele, nestas férias, a dez mil-réis por mês. Ele aceitou porque já tem muita bengala de três-folhas e muita vassoura sem vender e diz que é melhor ficar ganhando seus dez mil-réis do que ficar amontoando tanta coisa sem achar quem compre. Salomão minera sozinho e tira sempre seus diamantinhos. A mulher dele chama-se Margarida. É uma família de negros limpos e bem-educados, que nos oferecem um jantar todas as férias e café com qualquer coisa todas as vezes que lá vamos. Eles têm uma casa limpa que faz gosto (...) Uma gente preta melhor e mais bem-educada do que muitos brancos que eu conheço" [Sábado, 28 de dezembro de 1895].

O diário de Helena Morley apresenta-se assim como uma importante fonte para a pesquisa da relações de classe, raça/etnia do final do século XIX, na cidade de Diamantina. Entre outros temas, sociabilidade e intimidade fazem-se presentes em seu Diário e cada acontecimento registrado motiva o leitor(a) a refletir sobre as representações sociais e de gênero, códigos e normas morais, padrões de educação e de convivência do período em questão. Concomitantemente, através da leitura, partilhamos dos sentimentos, emoções, valores, conquistas e perdas de Helena Morley, acompanhando seu processo de formação/transformação durante os três anos da escrita do Diário (1893-1895).

² Foram dezoito edições, desde 1942 pela José Olympio Editora, e em 1998 recebeu a primeira edição pela Editora Companhia das Letras.

Helena Morley e a vontade de ser menino: o gênero como construção cambiante

Nos registros de Helena, a reflexão sobre si mesma é silenciada em detrimento das análises detalhadas daqueles que a circundam. A menina que está se transformando numa mulher pouco fala sobre a sexualidade, sobre o corpo e os desejos³. Ao contrário, reitera não uma, mas várias vezes, o desejo de ter nascido um menino.

A nossa suposição inicial é a de que, somente através da *transposição de gênero*, Helena poderia dar vazão às suas vontades, juntamente com a crítica que fazia ao “lugar” reservado às mulheres no final do século XIX.

Ao desejar ser menino, o que, de acordo com a nossa leitura, significa transpor um gênero a outro, Helena cria “brechas” que lhe possibilitam burlar certos comportamentos prescritos para a época. Todavia, nota-se que não é sempre que deseja ser menino, mas tão somente quando a condição de pertencer ao sexo masculino permite com que viva sua adolescência e o período de descobertas em sua plenitude.

É este jogo do *dizível/indizível* que permite a Helena “brincar” com os limites da sexualidade, parecendo conferir o “ar de liberdade” que lhe dá graça e que encanta os leitores.

É possível perceber então em seus escritos algumas suposições a respeito do jogo:

- 1) A vontade de ser menino lhe permitiria transgredir os papéis sexuais impostos pela sociedade;
- 2) Concomitantemente, acreditamos que tal atitude acabaria por lhe trazer subsídios para a crítica àquilo que deveria ser um “destino de gênero”, ou seja, as funções relegadas tradicionalmente às mulheres e geralmente circunscritas à esfera da reprodução (cuidado com a casa, os filhos, o marido, etc.). O Diário fornece várias entradas que permitem fazer este tipo de leitura, as quais estão presentes, por exemplo, nos momentos em que analisa a quase “devoção” da mãe e tias maternas aos respectivos maridos, ou mesmo o trabalho doméstico como prerrogativa feminina:

“Ninguém na família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam dos maridos e dos filhos. A pessoa delas não vale nada. Nunca vi mamãe ou qualquer de minhas tias comer uma coisa antes dos maridos e dos filhos. Se alguma coisa na mesa é pouca, elas nem sabem o gosto” [Quinta-feira, 21 de fevereiro, 1895].

“Papai é bom marido e nunca ninguém diz que mamãe é boa mulher (...) Quando vejo mamãe se levantar às cinco horas da manhã, passar para o terreiro com este frio e ir para a cozinha acender o fogo, pelejando com a lenha verde molhada para nos dar café e o mingau às seis horas, eu fico morta de pena. (...) E mamãe nunca ninguém diz que é boa mulher” [Quinta-feira, 10 de julho de 1895].

Merecem atenção as relações familiares descritas pela autora, cujos papéis parecem bem demarcados, herdeiros que são de uma sociedade patriarcal, onde a figura do *pater familias* define as posições ocupadas por cada membro no interior do grupo.

Em interessante artigo sobre o Diário de Helena Morley, FISCHER (1998) faz uma análise sobre o livro, à luz das categorias geracional e de gênero. A adolescência é que permitiria então, segundo a autora, as experiências vividas por Helena Morley, ou seja, é a metáfora do “limbo” utilizada por Fischer a que melhor representa a adolescência enquanto fase de transição para a vida adulta. Tal “estado” é vivido por Helena como a “experiência de liberdade”, expressão que dá título ao artigo e que nos leva a crer que se trata de um período no qual Helena conseguia transgredir ou encontrar “brechas” para burlar os códigos sexuais vigentes então. O estado do “limbo” representa também, para FISCHER, um período de interregno, de suspensão, já que a própria adolescência situa-se no intermédio de dois períodos bem definidos: “(...) aproximadamente entre 9 e 14 anos as meninas são por um lado capazes e empreendedoras e por outro, ainda não são constrangidas pelas exigências impostas às jovens no sentido de serem comportadas e respeitáveis. É precisamente nesta fase que algumas meninas são incontrolláveis, “molecas”, curiosas, fazem experiências, metem-se em confusões. É a única época em que as garotas são aceitas pelos meninos como quase iguais e podem vivenciar aventuras que eles consideram um direito de nascença” (FISCHER, 1998).

Os dois primeiros anos da escrita do Diário seriam aqueles que melhor traduziriam o comportamento “marginal” de Helena, marginal no sentido de não estar em conformidade com o modelo de papel feminino prescrito

³ A leitura do estudo de Lejeune (1997), que analisou diários de garotas francesas do final do século XIX, auxilia no entendimento deste “jogo” entre o *dizível/indizível*. Segundo o autor, é possível perceber tais características, sobretudo nos “diários de crônicas” (registros do dia-a-dia) nos quais a garota deliberadamente limita o que ela escreve aos eventos externos de sua vida diária, permanecendo silenciosa no que diz respeito às suas preocupações.

para a época. Entre os seus 13 e 14 anos, Helena vive plenamente sua "experiência de liberdade" e, ao contrário das primas, cujas atitudes eram sancionadas pelo olhar vigilante dos pais, Helena quase que se "igualia" aos meninos, porquanto compartilha com eles as mesmas brincadeiras e "molequices":

"Tenho pena das minhas primas com aquele pai tão metódico, como elas dizem. Na casa delas tudo é na hora, tudo é na regra, até as palavras, modos, tudo. Engraçado é que as primas vivem horrorizadas de meu pai e mamãe não nos darem educação, como elas dizem, e não fazem um passeio sem nós duas, eu e Luisinha. Mas quando chega de tarde, estou mais cansada do que se estivesse trabalhando o dia inteiro, de tanto fingir de educada perto delas" [Sábado, 22 de abril de 1893].

"Estou esta semana presa em casa com o joelho ferido e inflamado de uma queda de cavalo. Tenho sofrido muito, não pela ferida do joelho mas pela prisão em casa; ainda mais, no campo. Como é horrível ficar presa num rancho, sabendo que há tanta coisa boa para a gente fazer! Quando eu penso que podia estar no córrego pescando ou mesmo atrás das frutas do mato, dos ninhos de passarinho, armando arapuça e tudo, e em que vez disso estou num rancho pequeno, vendo Renato e Nhonhô lá fora aproveitando, nem sei mesmo o que eu sinto. Se eu soubesse escrever poderia até mesmo escrever um livro grande, tão compridos têm sido os dias agora para mim" [Sábado, 30 de dezembro de 1893].

No entanto, segundo FISCHER (1998), "a liberdade de Helena muda sutilmente no ano em que antecede seus 15 anos", pois é a partir deste período que é possível notar, em seus escritos, uma certa conformidade aos papéis sexuais, isto é, àquilo que se espera de uma "jovem mulher". Helena passa a viver então um período de "ajustamento", o qual reflete uma sutil mudança de comportamento, marcada por períodos de digressão. É com a idade de 15 anos que Helena irá tratar de sua infância como "um tempo longínquo" e se posicionará numa perspectiva de quem revisa o passado e dele tenta extrair lições para o futuro. É assim que se ajusta, pouco a pouco, ao padrão prescrito e às obrigações impostas pelo novo devir. Para a autora, "(...) a infância de Helena escorre pelos dedos, a liberdade do início de sua adolescência cede às convenções adultas e obrigações sociais. De uma agente independente, tão querida por sua avó, ela agora tem que se integrar ao mundo adulto de modo irrevogável. Ela ainda é a alegria da festa, mas a festa mudou" (FISCHER, 1998).

O leitor pode indagar-se sobre o espírito impetuoso e livre de Helena, em contraposição às suas primas, amigas da Escola Normal e mesmo à sua irmã, as quais parecem pertencer ao mesmo "círculo social" de Helena e que, no entanto, são constantemente criticadas por esta pela passividade diante da vida:

"(...) cada um é como nasce. Mas eu poderia talvez perder o gosto que tenho por tudo na vida e ficar como Luisinha e minhas primas que são tão chocas" [Terça-feira, 5 de fevereiro de 1894].

"Por que todo o mundo gosta de reprovar as coisas más que a gente faz e não elogia as boas? Eu e minha irmã nem parecemos filhas dos mesmos pais. Eu sou impaciente, rebelde, ressonda, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja. Luisinha é um anjo de bondade. Não sei como se pode ser como ela, tão sossegada. Nunca sai de casa sem ir empencada no braço de mamãe. Não reclama nada. Se eu disser que já a vi reclamando um vestido novo, minte. E se ganha um vestido e eu quiser lhe tomar, ela não se importa. Pois todos me chamam de menina rebelde e ninguém elogia Luisinha" [Terça-feira, 29 de agosto de 1893].

Não devemos nos esquecer também de que Helena Morley é sempre a protagonista de suas histórias, já que o próprio Diário tem por pressuposto a narrativa de conteúdos auto-biográficos. Como tal, é natural que as "experiências" vividas pelas outras garotas do diário sejam desprovidas da graça e vivacidade com que os episódios da vida de Helena são narrados.

Todavia, será mesmo que esta impetuosidade, espírito crítico e não-conformidade vai cedendo lugar ao que FISCHER (1998) denomina de "ajustamento"? A nossa hipótese é a de que essa "experiência de liberdade" acompanha os três anos de escrita do Diário, inclusive o último ano. Assim, o ano de 1895 também é assinalado pelo comportamento "transgressor" de Helena, ainda que de uma maneira subliminar, mas que nem por isso se conforma tão somente ao aspecto geracional, isto é, à fase em que Helena amadurece e que, diante da transição para a vida adulta, não estaria ainda "conformada" aos modelos impostos pela sociedade.

Os seguintes trechos extraídos do Diário sugerem a maneira como Helena parece "brincar" com o *dízível/indizível* e, ao mesmo tempo, são repletos de sentido:

"Meu pai chegou ontem da Boa Vista às 10:00h da noite. Eu sempre desejei ter nascido homem e só certas horas gosto mais de ser mulher" [Domingo, 20 de agosto de 1893].

"Quando eu penso que podia estar no córrego pescando ou mesmo atrás das frutas do mato, dos ninhos de passarinho, armando arapuca e tudo, e que em vez disso estou num rancho pequeno, vendo Renato e Nhonhô lá fora aproveitando, nem sei mesmo o que sinto. Se eu soubesse escrever poderia até mesmo escrever um livro grande, tão compridos têm sido os dias agora para mim. Mamãe diz que eu merecia este castigo para não querer mais virar menino homem. Foi mesmo castigo. Tudo que meus irmãos fazem eu invejo, e enquanto não faço, não sossego" [Sábado, 30 de dezembro de 1894].

"João Antônio, que foi criado por Dindinha, chegou do Rio de Janeiro por não poder continuar os estudos depois da morte de vovó. Ele é muito inteligente e podia ter arranjado um emprego para continuar a estudar, mas não quis, para vir agora ficar nesta peleja. Desde pequenina eu tinha inveja dos meninos e desejava ser homem; só agora estou vendo que é melhor ser mulher [Sábado, 14 de dezembro de 1895].

Através destes relatos é possível perceber que Helena oscila em sua decisão: ora deseja ser menino- quando isso lhe permite transpor os limites circunscritos ao que se espera de uma menina- ora reitera que "só agora está vendo que é melhor ser mulher", através do exemplo de seu primo, que tem que abandonar os estudos para voltar para a lide. Em outros termos, quando as "funções" do homem provedor exigem decisões que implicam abandonar um desejo, uma satisfação etc., Helena volta em sua decisão e só nestas horas diz preferir ser mulher. Assim, para Helena viver sua liberdade, a construção de gênero deve ser cambiante e não estabelecida a partir de padrões rígidos, previamente estabelecidos e definitivos.

Outros momentos do seu Diário parecem reveladores de sua tentativa de maior autonomia e elucidativos de que, apesar dos padrões sociais e culturais estabelecidos, arrisca em suas opções e registra suas estratégias e conquistas diante do instituído:

"O dia pior para mim é o dia seguinte a qualquer festa. Mamãe é que tem pena de mim porque diz que eu não vou ser feliz com este gênio de querer aproveitar tudo; que a vida é de sofrimentos. Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos" [Quinta-feira, 4 de maio de 1893].

"Meu pai diz sempre que gosta mais do meu gênio que do de Luisinha; que eu sou o que penso e o que faço e Luisinha é das caladinhas que são mais perigosas" [Sábado, 4 de maio de 1894].

" (mãe de Helena): - *Minha filha, quem sabe você acha que o mundo vai acabar? É o que eu penso quando vejo você nessa ânsia de se divertir. Você está começando a vida, minha filha. Não vá com tanta sede ao pote. Vocês hoje começaram a folia às seis horas da manhã. Eu estava lá dentro tomando café e vocês já na sala dançando. Isto está me amofinando muito; não é natural. Tudo o que sai do natural escandaliza, minha filha. É preciso pôr um ponto final nessa vida e pensar também nos estudos. Deixei mamãe falar até parar. Depois respondi: - Sabe por que a senhora ficou tão nervosa assim à toa, mamãe? É porque em vez de ficar lá vendo a gente brincar e dançar, veio se encafiar nesta casa antipática, trabalhando o dia inteiro, e não quer tirar da cabeça que a vida é de sofrimento. Que mal pode vir para mim passar o dia em casa de minhas tias, brincando e dançando com os primos e primas? Pense e responda.* [Domingo, 8 de dezembro de 1895].

Estes excertos iluminam a hipótese de que Helena procurou sempre sua "experiência de liberdade" através da subversão dentro do instituído, ou seja, o fato de ser mulher, ainda que por vezes lhe impusesse certos constrangimentos, jamais deixou de ser um empecilho para a realização de suas vontades, o que se faz perceber durante todo o diário. Talvez resida aí o título de rebelde, desobediente e mal-criada, que ela mesma se auto-conferia, porquanto sabia que "transgredia" certas normas de conduta.

Helena Morley subvertia a ordem dos códigos de sexualidade através da vontade de ser menino; transposição imaginária que lhe conferia o rompimento de certos limites impostos às mulheres, além de constituir um desafio diante da impossibilidade de viver determinadas experiências sem a sanção de regras morais. Convém ainda destacar que o desejo de ter nascido "menino" restringia-se muito mais ao que exatamente o "ser menino" poderia acrescentar ao "ser mulher", do que propriamente à masculinidade *strictu sensu*.

É neste jogo, neste trânsito entre a "condição de ser menina" (instituído) e "a vontade de ser menino" (instituinte) que Helena vive intensa e conscientemente sua "experiência de liberdade", inclusive quando "superficialmente" se adapta ao modelo feminino almejado para a época.

A condição feminina no século XIX: possibilidades e limites

Ao analisar a produção de diários de jovens francesas no final do século XIX, LEJEUNE (1997) destaca que

estes registros femininos, além de apresentarem adaptação e adequação à moral da época, possibilitavam a apreensão dos movimentos de busca de contestação e emancipação através das tentativas da “construção de si”. Os temas ausentes nos diários femininos analisados por LEJEUNE (1997), tais como sexualidade, mudanças físicas (crescimento, menstruação, etc.), emoções fortes e paixões não se fazem presentes nas anotações de Helena Morley, como já foi comentado anteriormente. Apesar de encontrar alguns diários de rapazes, o autor indica que entre as jovens, tal prática tinha uma função social e histórica específica: “é parte do sistema disciplinar para torná-las boas esposas, boas cristãs e boas mães. O diário é uma das técnicas usadas para fazer colaborar com a própria disciplina. Garotos não necessitam de tornar-se tão bons cristãos ou tão bons pais. A educação secundária tinha a intenção de prepará-los para sua posição profissional na sociedade” (LEJEUNE, 1997).

De acordo com o nosso estudo, Helena Morley utiliza-se do registro do cotidiano como exercício desta busca de independência, apontada por Lejeune. Ao comentar sobre os acontecimentos familiares, escolares, religiosos e sociais, compartilha sua convivência, ao mesmo tempo em que exalta suas pequenas conquistas e transgressões diante de certos padrões estabelecidos.

Helena Morley, logo no início de seu Diário, registra a origem do seu “hábito de escrita”, fruto da orientação paterna e do professor de Português da Escola Normal.

“Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o Professor de Português exigia das alunas uma composição quase que diária, que chamávamos de ‘redação’ e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, uma carta ou narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre a nossa família, muito numerosa”.

O controle da escrita de Helena, segundo seus registros, é realizado pela avó, para quem faz a leitura de alguns trechos e com quem “dialoga”, no caso de algumas anotações. No entanto, como é a autora que seleciona o que será lido, ela exercita esta liberdade em muitos momentos:

“Vovó fica toda inchada de alegria de ver as coisas que eu escrevo. Mamãe nunca olha o que eu escrevo, mas vovó quer que eu leia tudo para ela e também para quem vem de fora. Quando estou passando os dias na Chácara eu fico aflita para ir para casa só por isso. Coitada; ela é muito inteligente, mas mal aprendeu a ler e a escrever e por isso fica pensando que é coisa de outro mundo contar as coisas com a pena. Engraçado é que ela não se admira de eu contar com a boca. É que ela pensa que escrever é mais custoso.” [Quarta-feira, 20 de dezembro de 1893]

“Se vovó lesse isto que estou escrevendo aqui ela ficaria aborrecida comigo. Ela não pode compreender que a gente não ache rezar a melhor coisa da vida. Eu só gosto de rezar quando estou triste ou quando está trovejando.” [Terça-feira, 31 de outubro de 1893]

A realidade vivida pela avó de Helena, que mal aprendeu a ler e a escrever, bem como sua mãe que, tal como relata, tinha “pouco estudo”, é muito comum no final do século XIX. Segundo ALMEIDA (1998), “na época da implantação do regime republicano, do total das mulheres, quase dois terços eram analfabetas, embora o mesmo acontecesse com a população em geral.”

A mulher brasileira só adquire o direito legal à instrução pública, a partir de 1827, através da Lei Imperial de 15 de outubro, que prescrevia a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos, em todo território nacional. Além de escolas (em alguns casos salas de aula) específicas para meninos e meninas, o currículo também era diferenciado, segundo a referida lei. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações e a doutrina cristã, consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; destaca-se o ensino da geometria para os meninos e, para as meninas, os trabalhos de agulha.

Não obstante a escolaridade constituir prerrogativa amparada por lei, a falta de escolas de primeiras letras para todos fez com que a forma de educação feminina difundida desde o período colonial se mantivesse até o final do Império. Assim, muitas moças eram educadas em casa, com irmãs mais velhas, padres, ou professoras particulares, muitas destas oriundas da Europa. Outra possibilidade era o ingresso em ordens religiosas, nos conventos ou em escolas mantidas por religiosas; geralmente as jovens eram internas e tinham contato com os familiares apenas em poucas visitas formais ou no período das férias.

Em relação ao ensino secundário feminino, este não era uma prioridade do governo monárquico, tal como afirma RIBEIRO (1996). Mesmo no Segundo Império, este restringia-se, de forma geral, aos colégios particulares. As mulheres brasileiras somente terão acesso ao ensino superior, de forma expressiva, a partir das primeiras décadas do século XX. Algumas mulheres que conseguiram formar-se em cursos universitários, no século XIX, tiveram que sair do país, ou obtiveram licenças especiais.

Foi a partir da criação das Escolas Normais da década de 30 do século XIX- geralmente masculinas na sua fundação-, e da difusão desta modalidade de ensino nas décadas seguintes, que ampliaram-se as vagas para moças, bem como a abertura de escolas normais femininas.

O magistério primário acaba configurando-se, em poucas décadas, como um tipo de trabalho feminino. Na primeira República, as moças já eram a maioria nas escolas normais e complementares e as professoras eram a maioria no ensino primário.

A ampliação do espaço de sociabilidade, através da escolarização no final do século XIX, permite que muitas jovens, como no caso de Helena Morley, realizem "experiências de liberdade"⁴ e pequenas transgressões. Ainda que se encontrem subsumidas ao controle do espaço escolar, conseguem re-elaborar valores e preceitos, assim como reinterpretar seus futuros papéis, como os de mãe e esposa.

Ressalta-se que o processo de consolidação da República, o início da modernização econômica, e a urbanização das capitais brasileiras requeriam uma nova configuração política e social, necessitando da escola e da família, entre outras instituições, para assegurar a conservação dos padrões morais e a formação para a "nova ordem". A família será alvo de atenção de médicos, higienistas, educadores e mesmo da Igreja Católica, que se preocupará em prescrever, de diferentes formas, normas de conduta, hábitos e comportamento, além de regras de sociabilidade. A valorização do trabalho feminino no interior do lar e o aumento das responsabilidades maternas fazem parte deste processo.

Apesar de não poder participar dos processos eleitorais, não ter autonomia jurídica, entre outras restrições ao exercício da cidadania plena, as mulheres são responsáveis, segundo os discursos liberais, pela educação dos futuros cidadãos. Percebe-se com isso que a República nascente precisa, para se consolidar, de mulheres "educadas" que possam cumprir sua nova função social⁵.

Aspectos da escolarização de Helena Morley e da socialização familiar: destinos e perspectivas

A tentativa de ampliar os limites impostos é constante e nem sempre as estratégias usadas por Helena têm o resultado esperado. No entanto, ela destaca as vitórias possíveis. Um elemento no registro seguinte aparece com muita frequência neste primeiro ano, qual seja, a maneira como os seus pais e o seus tios educam os seus filhos. Desta forma, são recorrentes, em suas anotações, temas como controle, autoridade, disciplina etc. Podemos inferir que Helena é aparentemente submetida ao governo dos pais (com menor evidência), da avó e tias paternas, conseguindo, em alguns momentos, manifestar a sua autonomia:

"Graças a Deus o carnaval passou. Não posso dizer que passou bem porque apanhei de vovó, coisa que ela nunca fez. É sina minha todo mundo que gosta de mim me infernar a vida. Todas as minhas primas são governadas só pelos pais. Ah, se eu também fosse assim! Meus pais é que menos me amolam. Não tivesse eu o governo de vovó e tia Madge, teria ido ao baile de máscaras do teatro. Desde os sete anos eu sonhava em fazer doze para ir ao baile. Agora estou com treze e apanhando para não ir! (...) Pedi a vovó: 'Vovó, mamãe deixou. A senhora me deixa ir ao baile com a Glorinha?' Ela disse: 'Não deixo não!' Saí batendo o pé com força e caí na cama dela, chorando. Ela vem, tira a chinela do pé e me dá duas chineladas, dizendo: 'Então chore com razão!' Bati com as pernas mas não me levantei. Mas valeu, porque hoje ganhei um vestido e uma pratinha de dois mil réis"[Quarta-feira, 15 de fevereiro de 1893].

Suas tias paternas também fizeram a Escola Normal, já em idade madura, e como professoras se mantêm. Tal fato sugere que a profissão de professora conferia um status à mulher, uma vez que esta não permanecia subsumida às exigências do trabalho doméstico; além da obtenção de uma certa independência financeira, pouco comum para as mulheres brancas na época.

Questiona-se também, diante desta perspectiva se ao freqüentar o curso normal, Helena procurava manter uma tradição familiar, realizava a única opção para a ampliação de sua escolaridade, ou buscava formação profissional socialmente adequada e que lhe permitisse independência financeira para, assim, poder ajudar os pais em alguma adversidade. Tais possibilidades aparecem confirmadas em diferentes nuanças no diário. Desta sorte, a

⁴ Expressão utilizada por Britta Fischer em seu artigo sobre Helena Morley.

⁵ Conforme: LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

relação entre a conquista do título de normalista e a crise financeira vivida pela família é valorizada em seus escritos:

"Estou convencida de que, se vovó dirigisse o dinheiro dela, nós não passaríamos necessidade e mamãe e meu pai não ficariam tão amofinados como ficam às vezes, por falta de um pedaço de papel sujo, que a gente tem que dar maior valor do que a muita coisa boa na vida. Meu pai vive sempre esperando dar num cascalho rico: mas é só esperança, esperança toda a vida. Quando ele dá no lavrado, como desta vez, lá se vai todo o dinheiro e ainda fica devendo. Eu, tirando meu título de normalista, sei que tudo vai melhorar, pois irei até para o fim do mundo dar minha escola. Já fiz meus planos, tão bem assentadinhos, que até poderemos guardar dinheiro. Mas deixar meu pai nesta peleja, furando a terra à espera de diamantes que não aparecem, é que não deixarei" [Sábado, 5 de agosto de 1893].

Segundo Helena, os afazeres domésticos ocupam também o seu cotidiano, dificultando, muitas vezes, sua dedicação ao estudo. Este aspecto aparece citado em seu diário quase que semanalmente. Em outros momentos, a vida de normalista, com muitas lições para estudar e exercícios para realizar, acaba limitando a convivência com os primos e primas. Todavia, Helena entrega suas dificuldades ao destino, na esperança de que um dia tudo passe. De certa forma, o contexto relatado abaixo serve para desculpá-la e justificar sua falta de envolvimento com o estudo, também prejudicado, segundo ela, em decorrência da pouca de escolaridade da mãe:

"Será que meus primos não pensam que sou estudante e que tenho que levar as lições preparadas à Escola diariamente? Palavra que há dias que eu tenho inveja de quem não tem primos. Mas penso que deste mal só eu sofro. Do contrário não haveria tanta colega sabendo lições como sabem. Eu sou uma aluna bem diversa do que eu desejava ser. Quando me deito na cama depois de uma dia como hoje, confesso que é com o maior remorso ou aliás tristeza; não posso dizer remorso porque não sou culpada. Mamãe também, que é tão enérgica com as outras coisas, não se importa com isso. Mas é que ela nunca estudou e não sabe que a gente, na Escola, vai dar lições e não estudar. Até isto eu tenho contra mim. Muitas vezes tenho visto a mãe de Clélia lhe dizer perto das amigas: "Clélia, você é estudante, peça licença a suas amigas e vá estudar; elas ficam na prosa comigo". Nunca vi nenhuma se aborrecer com Dona Gabriela por isto. Se eu não tivesse a boa memória que tenho seria incapaz de fazer um exame no fim do ano, com a vadiação forçada que eu levo o ano todo. O pretexto que as primas acham para não me deixarem estudar, é que eu não terei paciência de ensinar meninos e por isso não preciso do título de normalista. Mas não pensam que eu preciso de estudar qualquer coisa para não ficar ignorante? Enfim, vamos esperar até ver onde esta vida vai parar. Sempre espero um dia depois do outro". [Domingo, 24 de março de 1895.]

O contato com as tias paternas é registrado por Helena em várias passagens de seu diário, com ênfase em tia Madge, esta sempre preocupada com a sua educação e formação. Em um destes trechos, Helena registra detalhadamente para a avó- a qual aguarda ansiosa o relato-, a visita da tia, cujo objetivo era dar "lições" à Helena sobre economia doméstica e etiqueta. Mas as indicações de leitura feita pela tia e a forma como Helena se apropria dos ensinamentos acabam por gerar divergências em relação aos familiares, tal como demonstra este trecho registrado em seu Diário:

"Eu fui acabando de aprender a ler e a tia Madge, que só acha bom o que é inglês, arranjou O Poder da Vontade e me fez ler para ela ouvir. Acabado este deu-me outro: O caráter. Eu tinha de ler e contar-lhe tudo tintim por tintim. Afinal os dois dão na mesma coisa: economia, correção, força de vontade. Tenho certeza que esses livros não me valeram de nada. Força de vontade não adquiri nem mais um pingão do que tinha. Caráter não mudei em nada. Bondade, nada mais do que eu tinha. Só uma coisa eu penso que eu lucrei, mas não tenho certeza se foi o Samuel Smiles que me ensinou, pois não me ensinou outras coisas: foi aprender a ser poupada e a guardar tudo que tenho (...) Mamãe gosta destas sovinices minhas e mandou pedir a tia Madge os livros para o Renato ler. Ele começou e não acabou nenhum capítulo. Mamãe insistiu: "Você tem que ler, ao menos para aprender a poupar as coisas como Helena". Renato disse: "Mamãe, os dedos da mão não são iguais. A senhora preste atenção se Helena não parece até filha desse tal de Smiles. Ela leu o livro dele e até decorou porque se parece com ela. Eu sou o contrário, não gosto de ler. Se gostasse não ia perder meu tempo com Samuel Smiles, não; leria Júlio Verne, que é muito melhor e mais divertido."[Quinta-feira 1º de junho de 1893]

Magistério e casamento aparecem como perspectivas de futuro para Helena. A independência e a autonomia anunciadas anteriormente esbarram no estereótipo da normalista-espera-marido, construído ao longo da Primeira

República. A maior parte das Escolas Normais no período não aceitava a frequência de jovens casadas. Em algumas regiões brasileiras, também não eram aceitas professoras primárias casadas, medida que vigorou em alguns estados até o final da Primeira República⁶:

"Hoje quando chegamos à casa de Júlia, ela disse à mamãe: 'Os planos de Helena já se vão por água abaixo, Dona Carolina. A Senhora já soube que vou me casar em breve? Já arranjei até substituta. Agora vai ser mais difícil para Helena'. Respondi: 'Eu também não tenho esperança de tirar meu título tão cedo, Júlia. Se no primeiro ano já encalhei, avalie nos outros. Também a gente não sabe do futuro. Quem sabe se eu também, quando ficar moça, não vou encontrar, como você, um rapaz de que eu goste e não ter precisão de dar escola? Júlia disse: 'Isto é que vai ser mais certo'". [Domingo, 7 de janeiro de 1894]

As tias maternas contraíram o matrimônio a partir da decisão paterna (avô de Helena) e a maioria delas só conheceu o marido no dia do casamento. A seleção dos noivos neste período era feita de acordo com as posições "sociais" ocupadas por estes, fator que refletia nas "alianças" entre as famílias, uma vez que o casamento possibilitava a ampliação das relações econômicas e políticas vigentes então⁷. A socialização e educação dos tios e tias também era diferenciada em conformidade ao pertencimento sexual de cada um:

"Vovô nunca quis sair deste lugar. Mandava educar os filhos no Rio. As filhas só aprenderam a ler e a escrever; mas todas casaram na Lomba sem nunca virem à cidade. A fama do dinheiro das filhas do Batista corria longe. Iam doutores e fazendeiros de Diamantina, do Serro e Montes Claros pedir em casamento uma de minhas tias, sem as conhecer, e vovô era quem aceitava ou recusava conforme as informações. Hoje nenhuma moça se casaria assim. Apesar disso não vejo ninguém mais bem casada de que mamãe e minhas tias." [Domingo, 14 de janeiro de 1894]

Um "dito popular" citado de forma recorrente pela mãe faz com que Helena a desafie e questione mais uma vez os padrões impostos, bem como as "trajetórias familiares":

"Poucas são as vezes que entro em casa que mamãe não repita o verso: 'A mulher e a galinha, nunca devem passear; a galinha bicho come, a mulher dá que falar.' E depois diz: 'Era por minha mãe nos repetir sempre este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. Vinham rapazes de longe nos pedir em casamento pela nossa fama de moças caseiras.' Eu sempre respondo: 'As senhoras eram caseiras porque moravam na Lomba. E depois, a fama foi o caldeirão de diamantes que o vovô encontrou. Moça caseira, a senhora não vê que não pode ter fama? Como? Se ninguém a vê?'" [Segunda-feira, 18 de março de 1895].

Rico em episódios interessantes, o diário de Helena permite leituras diferentes e igualmente instigantes. Ainda que em várias passagens de seu diário ela insinue a conformidade a certos comportamentos e padrões sociais e culturais estabelecidos para a época, Helena não deixa de registrar suas conquistas e estratégias, quer também sua "desobediência", quer na escrita das palavras proibidas, quer nos aspectos do seu cotidiano vivenciado por ela de maneira plena, quer nas críticas feitas aos preceitos e tradições de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos seus registros em Diário, Helena Morley pensa e reflete sobre as relações sociais, étnicas e de gênero tecidas no cotidiano de uma cidade no interior de Minas Gerais. O livro "Minha Vida de Menina" apresenta-se como uma importante fonte para o estudo das representações acerca da condição feminina no final de século XIX, da sociabilidade entre diferentes atores sociais, entre muitos outros temas.

⁶ Conforme: FIORI, Neide. "A educação nos tempos do Estado Novo: a construção da identidade nacional. Projeto desenvolvido na UFSC, PPG Sociologia Política. Painel apresentado na 18ª Reunião Anual da ANPED, Apud. LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1997. p. 468-469. No Estado de Santa Catarina, uma lei de 1917 determinava que as professoras formadas na Escola Normal e nomeadas para o exercício do magistério que se casassem perderiam o cargo. Em 1927 as professoras reunidas na Liga do Magistério Catarinense, lutaram pela revogação da referida lei de 1917, mas não conseguiram seu objetivo e a proibição do casamento para as professoras se manteve.

⁷ Conforme: D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 237. A autora destaca o sistema de casamento, das classes altas brasileiras, que envolvia a um só tempo aliança política e econômica, no século XIX. A reclusão e a virgindade feminina aparecem como requisitos fundamentais para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político.

Mais do que um exercício de redação escolar e de uma "escrita confidente", o "hábito" de escrever lhe permite um exercício contínuo de auto-construção e formação. Neste sentido, observa-se em seus registros seu olhar perspicaz sobre o cotidiano da Escola Normal, as relações familiares, bem como outros padrões de convivência, narrados pela autora de maneira instigante e crítica.

A liberdade e a autonomia expressas em seus comentários permitem, de certa forma, redesenhar as fronteiras definidas para o comportamento feminino no início da Primeira República⁸, uma vez que os "espaços" tradicionalmente reservados às mulheres fazem parte da leitura atenta da menina que vive a fase de transição para a vida adulta.

Assim, "brincando" com a construção de gênero, Helena burla certos códigos morais e sociais vigentes, ao mesmo tempo em que questiona o papel desempenhado pelas mulheres que a "cercam"- como sua mãe, suas tias, primas e avó- bem como as "opções" (na maioria das vezes, imposições) realizadas e assumidas por estas.

É talvez por situar-se justamente na fronteira geracional e de gênero que Helena Morley transgride criativamente certos padrões prescritos. No período de intermédio entre a menina e a jovem mulher, bem como no trânsito que faz entre o instituído e o instituinte (ora tirar proveito de sua condição de menina, ora desejar ser menino) é que Helena nega o "destino de gênero" ou qualquer outro tipo de cerceamento, vivendo plenamente suas experiências.

Tal como a metáfora do **limbo** utilizada por FISCHER (1998), e o **período de interregno** utilizado por SCHWARZ (1997), acreditamos que a beleza do livro encontra-se justamente na observação de fronteira da autora, ponto este privilegiado que lhe permitia captar a fluidez das relações sociais. Tal aspecto deve-se muito ao fato do momento histórico vivido pela autora estar marcado pela transição de uma sociedade escravista para o trabalho livre, rumo à constituição de uma nova ordem social e econômica. As relações familiares não estavam mais tão atreladas à figura do *pater familias*, sendo agora a matriarca (Dona Teodora) a personagem central da casa.

Posto isso, a perspicácia e o olhar arguto da menina- esta também vivendo um momento de transição para a vida adulta- permitem ao leitor captar toda a fluidez de uma sociedade em movimento, ainda que se trate de um "microcosmo" deste universo. As relações narradas no livro são elas dialéticas por si só, justamente porque fazem parte da própria composição social de uma sociedade cujo momento histórico estava marcado pela contradição. O valor da obra, ao nosso ver, encontra-se justamente na maneira como Helena Morley soube observar e narrar esse movimento.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Jane Soares de. "Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 9. N. 191. P.31-41, jan/abr. 1998.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiubi Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- D'INCAO, Maria Angela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- FISCHER, Britta. "As experiências de liberdade de Helena Morley". In: Novos Estudos CEBRAP. N.51. julho 1998. Pp. 175-188.
- GONÇALVES, Luis Alberto Oliveira. "Negros e educação no Brasil". In: LOPES, E.M.T et. Alii. (orgs.) 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Tempos de escola: fontes para a presença feminina na Educação*, São Paulo, século XIX. Centro de Memória da Educação/FEUSP. São Paulo: Plêiade, 1999.
- LACERDA, Lilian Maria de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1999.

⁸ Alguns estudos que tratam da condição feminina no século XIX, nos seus mais diferentes matizes, como por exemplo: acerca da participação feminina na literatura como o de Norma Telles "Escritoras, escritas e escrituras" (1997); as trajetórias femininas no interior paulista, analisadas por de Marina Maluf em "Ruídos da memória" (1995), os estudos sobre a prostituição feminina realizados por Margareth Rago, entre eles "Do cabaré ao Iar" (1985) e "Os prazeres da noite" (1991), não se contentam com a tese da reclusão e o confinamento feminino ao espaço doméstico.

- LEJEUNE, Philippe. "Diários de garotas francesas no século XX: constituição e transgressão de um gênero literário". In: *Cadernos PAGU*, (8/9) Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. 1997. Pp. 99-114.
- LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PERROT, Michelle. "Práticas da Memória Feminina". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. São Paulo: v.9. n.18 ago/set 98. Pp 09-18. P.12
- PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- RAGO, Margareth. "Epistemologia feminina, gênero e história". In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.) *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998.
- . *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1991.
- . *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1985.
- . "As mulheres na historiografia brasileira". In: SILVA, Zélia Lopes da. (org.) *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. "A educação da mulher no Brasil Colônia". Campinas: UNICAMP, 1987 (Dissertação de Mestrado).
- . *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP. 1996.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre. V. 20. N.2. jul/dez. 1995.
- SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SOUZA, Rosa de Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. *O legado educacional no século XIX*. Araraquara: UNESP. Faculdade de Ciências e Letras, 1998.
- TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- VIANA, Maria José M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.